

## RESENHA

ARRIVÉ, Michel. **Em busca de Ferdinand de Saussure**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 253 p.

Giselle Lopes Souza<sup>1</sup>  
 Graduada em Letras Português-Inglês  
 Universidade Federal de Espírito Santo  
 ([gisellesouza86@yahoo.com](mailto:gisellesouza86@yahoo.com); [amoanatureza2@hotmail.com](mailto:amoanatureza2@hotmail.com))

Intitulando-se um grande leitor de Saussure por mais de cinquenta anos e um aficionado colecionador de exemplares do **Curso de Linguística Geral (CLG)**, Michel Arrivé, professor de Linguística e de Semiótica, lança ao mundo em 2007 o livro de título *À La recherche de Ferdinand de Saussure* que, acompanhando o movimento de outros textos em que o assunto principal é Saussure e seu legado, fora traduzido e publicado num curto período no Brasil com o título **Em Busca de Ferdinand de Saussure** em 2010. O livro insere o leitor numa atmosfera saussuriana dantes conhecida apenas por aqueles que fazem de Saussure seu objeto de estudo, ele utiliza a edição transcrita dos manuscritos inéditos<sup>2</sup> os **Escritos de Linguística Geral** (publicação francesa em 2002 e 2004 o Brasil) entre outros artigos, edições críticas, adendos, todos direcionados pela leitura do principal texto que leva o nome de Saussure, o *CLG* o que eleva o nível da leitura proposta por ele.

Arrivé adota, também, o cotejo Curso/Escritos que tem seus conteúdos comparados numa discussão hermenêutica na qual **a discordância entre o conteúdo do CLG e o ensino autêntico de Saussure** (ARRIVÉ, 2010, p. 16) é assinalada. Além de questões que pairam sobre Saussure e seus discípulos, o leitor poderá caminhar de um nível iniciante, fruto de uma leitura fragmentada do *Curso* para um descobrimento de um mestre que pesquisava os anagramas e as lendas, um Saussure literário, capaz de sustentar pesquisas concomitantes sem necessariamente ser dual, dividido entre um que pensava a natureza da linguagem de dia e os mistérios literários a noite.

<sup>1</sup>Mestranda em Estudos Linguísticos. Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>2</sup> Este foi o meio pelo qual entendemos ser possível de diferenciar os manuscritos achados e entregues por Marie de Saussure ao museu de Genebra em 1996 dos demais manuscritos de Saussure que já existiam para a crítica (SILVEIRA, 2008).

Longe da simplicidade redutora dos manuais **Para entender Saussure**, no livro de Arrivé não há instruções – apesar de o autor optar em alguns momentos por explicações mais didáticas, assim o estilo de escrita ora apresenta um tom ensaístico ora mostra-se certa preocupação em bifurcar e facilitar a compreensão. Aqui a busca pelo genebrino é tomada com prudência em toda a sua complexidade, a cada passo adiante ao encontro de Saussure será um passo para longe das concepções engessadas e da figura de um professor atordoado em escrúpulos. Mas, é por elevar o nível de leitura sobre Saussure que o livro de Arrivé torna-se complexo, ele exige leituras de publicações mais recentes e coteja textos que só serão lidos por aqueles que pesquisam os textos do mestre genebrino ou acompanham o próprio Arrivé. Sugere-se, aos interessados, a leitura dos textos de Milner (2002), Silveira (2009), Bouquet (2000), Normand (2009) e Saussure (2004) a fim de abrir as possibilidades de compreensão do texto de Arrivé e do próprio Saussure.

Já a organização dos capítulos e temas propostos no livro está sob a égide de duas vertentes, a primeira de caráter epistemológico, a qual traz consigo todo o impasse em torno do chamado “efeito Saussure” (p. 20) que legou à linguística pesquisas e nomes como o de Meillet, Jakobson, Benveniste entre outros e direcionou caminhos como os tomados por Barthes e Greimas, por exemplo, como também não deixou de evocar os nomes de Lacan e Levi-Strauss.

A segunda vertente, entretanto, aponta para o que o autor chamou de “aspectos insólitos” e que “Saussure se presta a tiradas espirituosas” (p. 20) relaciona ao fato de Saussure não ter publicado o que escreveu e nem escrito o que fora publicado em seu nome, assim a leitura mosaica que se tem de Saussure até os dias atuais pode ser fruto **desse estatuto específico de sua obra** (p. 20). Com isto Arrivé sugere que não vai ser inovador quando o assunto for baseado em perguntas como *Saussure teria escrito ou não o Curso? Existem diferenças substanciais quando o CLG está em cotejo com os Escritos?* ou outros temas que sugerem mudanças bruscas no entendimento que se tem da obra saussuriana, assim, ele agrupa essas questões numa espécie de ala misteriosa sem nenhuma sugestão de como amenizar essa especificidade.

Confirmando ainda mais nenhuma empatia sobre questões apócrifas, estão as seguintes palavras: “diferentemente de alguns outros leitores de Saussure,

não investirei em invectivas contra os editores de 1916, nem em lamentações a respeito de outros projetos de edição (p. 23)”, portanto, além de não valorizar o discurso apócrifo direcionado ao CLG ele argumenta que o projeto de edição de 1916 foi arrojado, cuja execução fora cheia de intempéries. Deste modo ele não dialoga com os textos de Bouquet (2000, 2009) e como muitos outros autores permanece parcial em defesa da edição 1916.

Será apenas no segundo capítulo que os postulados do CLG, com os quais o leitor está acostumado a encontrar, são deveras apresentados e o cotejo Curso/Escritos é utilizado a todo tempo. Essa escolha de cotejar os dois textos não é um aspecto inovador do livro, textos anteriores apresentaram essa proposta como uma forma mais profunda e imparcial de ler Saussure, pois fora com os manuscritos de Saussure que suas pretensões editoriais sobre a natureza da linguagem são reveladas, o texto de título **Sobre a Dupla Essência da Linguagem** achado junto aos manuscritos inéditos e transcritos para os **Escritos de Linguística Geral**, sendo pano de fundo para muitas das discussões propostas por Arrivé e neste contexto a semiologia é apresentada como uma das ambições saussurianas anteriores ao Curso (p. 47).

Sobre linguagem, língua e fala há assuntos para além **da matéria amorfa indistinta ou da língua como sistema de valores puros**, o livro leva esta discussão ao conceito de **discurso** em Saussure, que será expandido trazendo a memória a pergunta “mas e a fala?” Numa tentativa de responder de maneira didática a essa pergunta, Arrivé sugere que a crítica a respeito da questão da fala/falante é bifurcada: de um lado estão aqueles que acreditam **ter Saussure eliminado de seu projeto teórico toda consideração da atividade do sujeito falante e, assim, todo produto dessa atividade** em discordância com o rumor no extremo oposto, **em vias de nascer, que já tomou corpo para desdizer o primeiro rumor, no qual o que antes era fala em Saussure substitui-se por discurso** (p. 116, 117 e 118).

Deixando tais conceitos supracitados e indo um pouco mais além na leitura, é possível encontrar um grau de complexidade progressivo no livro, como se as indagações proposta fossem seguindo um critério de dificuldade, saindo do discurso então surge a questão do **tempo em Saussure**, assunto delicado, muito criticado e reduzido ao longo dos anos aos conceitos de diacronia e sincronia. Neste

passo, Arrivé problematiza tal dicotomia e afirma que **o que caráter linear do signo é tão importante para a teoria quanto o conceito de arbitrariedade**, também fora analisada a questão de **a fala ser tocada pela sincronia e a língua pela diacronia** (p. 137). Além de deixar uma indagação que pode mover pesquisas posteriores como esta: **seria o caráter linear do significante ou da língua que afetaria o sistema?** A resposta também é uma problemática para Arrivé, que continua suas exposições comparando vários textos e deixando os textos de Saussure responder, sempre dialogando com a visão de Arrivé, pois seu livro está longe de ser um simples estudo crítico, no qual textos são arranjos sem muitos critérios a fim de buscar a imparcialidade, como a tentativa realizada por Engler nos anos 60.

Saussure dos anagramas, das lendas alemãs, por sua vez, é apresentado sem seguir uma sequência lógica com os demais temas, da mesma forma a questão do **inconsciente em Saussure**, nestes capítulos os textos dos manuscritos são tomados como principal fonte para mostrar a escrita poética do pensamento de um genebrino à frente de sua época que movimenta comparações às conjecturas analíticas de Freud. Esta parte do livro pode ser o auge da complexidade, é preciso um leitor engajado com conceitos da psicanálise freudiana e lacaniana. Porém, passado o primeiro nível de dificuldade, o texto corrobora o entendimento que inconsciente em Saussure vai além da mediação semiológica apontando para uma psicologia ainda primitiva, mas eficiente para a teoria do *Curso*.

Quando as páginas ameaçam acabar, o mesmo não se pode dizer da imersão proporcionado pela leitura do livro. Uma conclusão é possível a de que muitos conceitos foram engessados e esquecidos sobre os textos de Saussure quando deveriam ser cuidadosamente revistos, que, também, há vacuidade de respostas quando o assunto é Saussure e a necessidade de ir mais adiante, de não apenas repetir aquilo que a crítica determinou a tempos e que não acompanhou as novas publicações. Há também o mal-estar em saber que há tanto para falar a respeito e tão poucos interessados. Nada é simples quando o assunto é o mestre de Genebra, portanto, a escolha feita por Arrivé para finalizar seu livro transmitirá aquilo que muitas vezes é a escolha sensata diante de algo que não compreendemos completamente: “não há dúvida de que seria imprudente, e certamente inútil, acrescentar o que quer que seja a estas derradeiras palavras. **Por isso silêncio**” (ARRIVÉ, 2010, p. 234).

## Referências

SILVEIRA, E. M. **As Marcas do Movimento de Saussure na Fundação da Linguística**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. NORMAND, Claudine. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009 [2000], 184 p.

MILNER, J.-C. **El Periplo Estructural: FIGURAS Y PARADIGMA**. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2003 [2002], 254 p.